

090.

ECC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ATUARIAS, ADMINISTRAÇÃO E CONTÁBEIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES DO CEARÁ:
UM EXAME DAS MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO PERÍODO
1970 - 1985

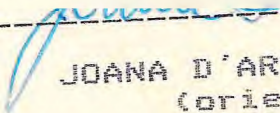
FERNANDA DE ALBUQUERQUE M. MONTEIRO

JOANA D'ARC DE OLIVEIRA

Orientador

FORTALEZA-1994

MONOGRAFIA APROVADA EM 11 DE JULHO DE 1994.



JOANA D'ARC DE OLIVEIRA
(orientadora)

ANTÔNIO LISBOA T. DA ROSA



EURIPEDYS EWBANK ROCHA

Monografia submetida a coordenação do curso de
Ciencias Economicas da Universidade Federal do Ceara,
como requisito parcial para obtenção do titulo de
Bacharel em Ciencias Economicas

AGRADECIMENTOS

Através da monografia de Graduação, sintetiza-se, de certa forma, todo o processo de aprendizado, que é constituído por uma série de momentos importantes, desde o ingresso na Universidade. Quando outras pessoas participam e os enriquecem, sua relevância torna-se ainda maior. Diante disso, considero de fundamental importância documentar o meu agradecimento a todos aqueles que contribuíram para a concretização dessa monografia.

Em especial, gostaria de agradecer:

- A DEUS, que iluminou e guiou meus passos durante esse percurso;
- À meus pais, que, a sua maneira, me deram forças para chegar até aqui;
- À orientadora e amiga Joana, por incansáveis discussões e sugestões em todas as etapas do estudo;
- Ao professor Lisboa, pela valiosa colaboração na obtenção dos dados e no aperfeiçoamento dessa monografia;
- Ao professor Euripedys, por participar da banca examinadora e pelas críticas bastante válidas à concretização do trabalho;
- As amigas Sárvia e Renata, pelo apoio dispensado na digitação e impressão da monografia;

E a todos os amigos de faculdade, em especial à Liliana, pelas exaustivas horas de estudo e pelo constante apoio e amizade.

RESUMO

A produção industrial de alimentos vem ganhando importância, a medida que cresce a necessidade de substituição dos alimentos "in natura" por produtos com maior grau de processamento, o que decorre, basicamente, de dois fatores: do rápido processo de urbanização/industrialização pelo qual vem passando o Brasil e do alto grau de perecibilidade e dificuldades de transporte e armazenamento dos alimentos "in natura", o que restringe a viabilidade desses alimentos como fonte de abastecimento da população urbana.

Atualmente, os maiores desafios enfrentados por essa indústria consistem em produzir alimentos industrializados sem agredir o meio-ambiente, facilitar a vida do consumidor e distribuir e armazenar os alimentos de forma mais eficiente. No entanto, é bastante difícil vencer tais desafios, visto que para tornar os alimentos mais práticos e menos perecíveis (industrialização dos alimentos), é imprescindível a existência de sistemas de conservação, que, muitas vezes, comprometem a qualidade ambiental.

Apesar de apresentar uma indústria de alimentos que vem crescendo e se desenvolvendo, o Brasil é um país fortemente marcado pela fome e miséria. Esse paradoxo é consequência, basicamente, da concentração de renda e do desperdício de alimentos observados no País.

O gênero de produtos alimentares caracteriza-se por uma grande heterogeneidade, variando entre estruturas extremas de mercado. Com isso, constatamos a impossibilidade de classificá-lo em uma única estrutura de mercado. Optamos então, pelo uso de dados censitários, apesar do maior nível de agregação.

Analisando a composição setorial do gênero alimentar do Ceará, podemos perceber sua grande relevância para o Estado, haja visto o predomínio de gêneros tradicionais. Percebemos também, que os setores de beneficiamento de grãos e pescado são os mais representativos.

Já na Bahia e em Pernambuco, verificamos nessa ordem, uma menor expressão do gênero de alimentos na indústria de transformação.

Através dos indicadores selecionados, percebemos que a indústria de alimentos do Ceará encontra-se, em geral, formada por um grande número de pequenas empresas, ainda defasadas tecnologicamente e com baixos salários, o que difere radicalmente do observado em São Paulo. De fato, a indústria de alimentos desse Estado é bem mais avançada e diversificada, sendo sua estrutura bastante semelhante a do Brasil.

Pernambuco e Bahia caracterizam-se com uma indústria alimentar mais moderna que a do Ceará. Na verdade, a indústria alimentar baiana é também muito diversificada, dado o alto nível industrial do Estado, porém ainda bastante distante da estrutura alcançada por São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01	
CAPÍTULO 1: VISÃO GLOBAL DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS		
1.1. Aspectos Gerais	03	
1.2. Crescimento, Concentração de Renda E Pobreza: Um Paradoxo Brasileiro	07	
CAPÍTULO 2: A INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES: UMA ABORDAGEM DE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL (OI).....		12
CAPÍTULO 3: ASPECTOS GERAIS DA CLASSIFICAÇÃO INDUSTRIAL...		21
CAPÍTULO 4: ESTRUTURA E DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES DO CEARÁ		
4.1. Introdução.....	26	
4.2. Composição Setorial.....	28	
4.3. Desempenho Industrial.....	42	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76	
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	79	

A Indústria de Produtos Alimentares ocupa uma posição de grande destaque no contexto social, político e econômico de um país, a medida que fornece produtos de necessidade básica para a sua população. O aumento da oferta de alimentos industrializados, além de corroborar para a erradicação da fome, dinamiza o setor agropecuário por utilizar suas matérias-primas.

Dada sua grande relevância, pretende-se na presente monografia, analisar a Indústria de Produtos Alimentares de forma a evidenciar suas características principais, bem como detectar algumas causas e consequências de possíveis gargalos existentes nesse gênero industrial.

Para atender tal objetivo, o estudo será dividido em quatro partes centrais, as quais se completam e, analisadas conjuntamente, permitem ao leitor visualizar melhor e de forma mais detalhada a situação do referido gênero.

Na primeira parte, discorrer-se-á sobre a indústria de alimentos em geral, procurando-se mostrar seu importante papel na tentativa de eliminar a fome. Por outro lado, evidencia-se também a impossibilidade de êxito em tal meta, haja visto a forte concentração de renda e o constante desperdício de alimentos presentes no Brasil.

A segunda parte do trabalho é dedicada à análise das características organizacionais do gênero alimentar, onde se apresenta, de forma breve, determinados conceitos da Teoria da Organização Industrial (OI) e se procura vislumbrar o enquadramento de algumas indústrias desse gênero nas diversas estruturas de mercado.

Já o terceiro capítulo, informa como se posiciona o gênero alimentar no conjunto da Classificação de Atividades Industriais da FIBGE. Ainda nesse capítulo, evidencia-se as dificuldades encontradas no uso de dados do Censo Industrial, devido ao maior nível de agregação presente e ao grande número de modificações observadas ao longo do período abordado.

Finalizando, no quarto capítulo pretende-se analisar algumas mudanças estruturais ocorridas na composição setorial do gênero de produtos alimentares do Ceará e o seu desempenho, no período de 1970 a 1985.

Para efeito de comparação, foram selecionados alguns estados específicos: Pernambuco e Bahia, por serem responsáveis pelas economias de maior dimensão do Nordeste e São Paulo, por ser o estado mais desenvolvido e apresentar o maior parque industrial do País.

Portanto, ao longo de todo capítulo quatro serão feitas análises comparativas entre as indústrias de alimentos desses estados, com o intuito de melhor identificar o desempenho da indústria cearense, no decorrer do período estudado.

CAPÍTULO I

VISÃO GLOBAL DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

1.1 - ASPECTOS GERAIS

Desde os primórdios da Ciência Econômica, uma das questões de maior relevância a serem tratadas pelo sistema econômico é a oferta alimentar. É crescente, tanto em países desenvolvidos como, principalmente, em países subdesenvolvidos, a preocupação com a fome, a qual se torna cada vez maior, à medida que cresce a parcela da população sem acesso aos alimentos.

Contudo, a Indústria de Produtos Alimentares brasileira é uma das que mais crescem e se renovam em todo setor industrial, tendo seu desenvolvimento favorecido em grande parte, pela substituição cada vez maior dos alimentos "in natura"⁽¹⁾, produzidos diretamente pelo setor agropecuário, pelos produtos alimentares industrializados, em especial aqueles com alto grau de processamento.

O crescente estímulo dado a produção industrial de alimentos decorre do rápido processo de urbanização/industrialização pelo qual passou o Brasil, expandindo de forma

(1) Maura Pina classificou os produtos alimentares em três grupos: "in natura", industrializados c/menor grau de processamento e industrializados c/maior grau de processamento.

coconsiderável a relevância atribuída aos alimentos com maior grau de processamento. Essa tendência ao maior consumo de produtos industrializados sofisticados deve persistir à medida que aumenta o nível de renda da população.

O alto grau de perecibilidade, bem como as dificuldades de transporte, manuseio e armazenamento, tendem a levar os produtos "in natura" a serem mais utilizados como matérias-primas básicas para as unidades processadoras, do que como fonte de abastecimento da população urbana.

Constata-se então, que cabe a indústria de produtos alimentares a responsabilidade por parte cada vez maior da oferta alimentar, que como já foi visto, representa uma das questões de grande importância no sistema econômico.

Apesar de ter como característica marcante a grande absorção de mão-de-obra, explicado, basicamente, pelo reduzido nível de automação de seus equipamentos, que não tem apresentado crescimento significativo como em outros gêneros industriais, a indústria de produtos alimentares já conta com um considerável nível tecnológico, investindo na qualidade da produção e na redução de custos, entre outros fatores.

Esses processos industriais refinados e avançados tecnologicamente são necessários no atendimento eficiente do mercado, o qual requer alimentos saudáveis e naturais, porém com alto grau de industrialização.

De acordo com a Revista da Trevisan⁽²⁾, a indústria de alimentos tem enfrentado atualmente três desafios básicos:

- 1 - Preservar a pureza e a qualidade dos alimentos sem agredir o meio-ambiente;
- 2 - Facilitar a vida do consumidor, no tocante a preço e praticidade de lidar com o alimento;
- 3 - Distribuição e armazenamento eficientes.

A industrialização de alimentos, entretanto, pressupõe a existência de sistemas de conservação e redução do período natural de perecibilidade, os quais para serem alcançados exigem o uso de embalagens, que muitas vezes não sendo biodegradáveis, comprometem a qualidade ambiental e aceleram a extinção de recursos não renováveis.

A tentativa de minorar essas consequências nocivas reside na utilização de tecnologias de maior custo e menos agressivas ao meio-ambiente.

(2) REVISTA Conjuntura Trevisan. A Indústria de Alimentos Enfrenta o Sabor da Concorrência. Ano VI - nº 68, outubro, 1993.

poPortanto, partindo do exposto acima, podemos afirmar que a indústria de produtos alimentares apresenta características bastante relevantes dentro do atual contexto socio-político e econômico, relacionando-se diretamente com uma demanda social básica e com a erradicação da fome, ao mesmo tempo em que se constitui elemento do processo de acumulação de capital, necessitando então, buscar novas tecnologias para expandir a produção industrial de forma mais eficiente e menos hostil.

1.2 - CRESCIMENTO, CONCENTRAÇÃO DE RENDA E POBREZA: UM PARADOXO BRASILEIRO

Segundo Adam Smith, nenhuma sociedade pode florescer e prosperar se a grande maioria de sua população é pobre e miserável (3).

A mobilização de toda a sociedade civil em campanhas nacionais contra a miséria e a fome, como vem acontecendo em nosso país, demonstra que o alimento tornou-se artigo de luxo, inacessível à maioria da população.

Por outro lado, a já citada expansão da produção industrial que tem ocorrido no Brasil, possibilitou a nossa indústria de alimentos se destacar como 1º lugar em número de estabelecimentos e pessoal ocupado e 2º lugar em valor da produção, representando 11% do produto industrial, 4% do PIB e 16,5% do total das exportações brasileiras em 1989, segundo dados da FIBGE.

Com isso, percebe-se um paradoxo: Em um país onde impera a fome, a subnutrição e a miséria, encontra-se também uma moderna e eficiente indústria de alimentos, a qual se destaca em vários aspectos já mencionados acima.

(3) SMITH, Adam. Soberania do consumidor. 1776

aaA razão para isso pode ser atribuída, em grande parte, ao nosso mercado essencialmente seletivo e pouco democrático. Aproximadamente metade do mercado consumidor brasileiro tem poder aquisitivo de apenas 15% do poder aquisitivo global do País, de acordo com a FIBGE.

De fato, um dos principais problemas dos países em desenvolvimento é o processo rápido e contínuo de concentração de renda, o qual impede à grande parte da população usufruir dos benefícios do crescimento econômico.

Na primeira metade da década de 70, verificou-se que os vinte por cento (20%) mais pobres da população brasileira recebiam apenas 3,50% da renda, enquanto que os vinte por cento (20%) mais ricos recebiam 61,50% da renda nacional total⁽⁴⁾.

Já na segunda metade daquela década, houve uma tendência a redução da desigualdade na distribuição da renda. De acordo com Singer⁽⁵⁾, da população economicamente ativa, a parcela da renda total dos 60% mais pobres cresceu de 18,6% para 19,6%; a dos 30% médios também cresceu de 31% para 32,7%, ao passo que a parcela dos 10% mais ricos caiu de 50,4% para 47,7%.

No primeiro quinquênio dos anos 80, a repartição da renda voltou a tornar-se mais desigual, revertendo a tendência

(4) TODARO, M. Introdução à Economia: Uma Visão para o Terceiro Mundo. Ed. Campus. RJ, 1979 cap 9 e 10.

(5) SINGER, Paul. Repartição da Renda: Pobres e Ricos Sob o Regime Militar. Ed. Zahar. RJ, 1985. pg 76-83.

dodos cinco anos anteriores. Os 60% mais pobres tiveram sua parcela da renda total diminuída de 19,1% para 17,7%; a parcela dos 30% médios aumentou de 34,2% para 34,4%; já a dos 10% mais ricos cresceu de 46,7% para 47,9%. Convém salientar que esses dados referem-se a todas as pessoas que tiveram rendimentos no período, inclusive as economicamente inativas.

Esse acirramento da concentração de renda deveu-se a alguns fatores: Mudanças na legislação salarial, que acarretou uma redução real dos salários mais baixos e crise na construção civil, levando grande número de trabalhadores ao mercado informal com níveis de remuneração muito reduzidos. Além disso, nesse período, o comércio foi bastante afetado, o que também reduziu os salários de muitos trabalhadores, os quais em sua maioria encontram-se entre os 60% mais pobres.

Percebe-se então, que mesmo apresentando consideráveis taxas de crescimento econômico, o Brasil, como os demais países subdesenvolvidos, mantém uma distribuição bastante desigual da renda, tornando a pobreza um fato real e crescente na vida econômica.

Portanto, deve-se atentar para o fato de que não se pode medir o desenvolvimento econômico apenas a nível do crescimento da renda, devendo-se observar como essa renda é distribuída pela população como todo.

Então, como a demanda por alimentos somente é percebida quando expressa através do poder aquisitivo dos consumidores (demanda efetiva), muitos indivíduos permanecem sem acesso aos alimentos, mesmo não havendo problemas de oferta.

Conclui-se então, que em decorrência dessa acentuada concentração de renda presente no Brasil, uma significativa parcela da população ainda permanece com renda insuficiente para expressar suas necessidades alimentares, acarretando a manutenção e até mesmo o recrudescimento da fome.

Além disso, outra razão, não menos relevante, do já mencionado paradoxo, consiste no excessivo desperdício de alimentos que ocorre no Brasil, em função basicamente do despreparo, negligência e descaso político.

A abundância de mão-de-obra e estabelecimentos, bem como o desconhecimento de privações decorrentes de guerras ou fenômenos naturais, conduzem o brasileiro a falsa crença de que convivemos com a fartura.

Na verdade, os países subdesenvolvidos, carecem bastante de instrumental eficaz para combater o desperdício, sendo o Brasil um dos países que mais sofrem com isso.

A enorme quantidade de alimentos que se estraga em galpões e que se perde no manuseio, transporte, armazenamento e

comercialização, poderia alimentar uma grande parte da população que ainda passa fome.

Dentre esses alimentos desperdiçados, as frutas são a maioria, seguidas pelos tubérculos, verduras e legumes. Porém, esse desperdício não se restringe aos produtos hortícolas; Não obstante o grande avanço apresentado, a avicultura brasileira ainda desperdiça cerca de 15% a 20% de carne na fabricação de embutidos, de acordo com informações da Revista Trevisan⁽⁶⁾.

Em suma, para que a população como todo possa ter acesso aos alimentos e, conseqüentemente, a indústria de produtos alimentares se desenvolva, é necessário que se adote uma política eficaz na redução das desigualdades de renda, bem como se combata a cultura ao desperdício, uma vez que esses elementos representam fortes entraves ao crescimento da referida indústria no Brasil.

(6) REVISTA Conjuntura Trevisan, op.cit.

CAPÍTULO II

A INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES: UMA ABORDAGEM DE ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL

Os pesquisadores da Teoria da Organização Industrial (OI) não têm demonstrado grande interesse pelo estudo do gênero alimentar, deixando basicamente a cargo dos economistas agrícolas a responsabilidade por tal tarefa.

De acordo com Farina⁽⁷⁾, tal desinteresse pode ser debitado a algumas limitações presentes no estudo do gênero em questão, como o pouco dinamismo frente a outros gêneros industriais e a grande desconcentração existente no interior desse gênero (produtos alimentares), distanciando pesquisadores já habituados com o estudo de oligopólios. Ademais, registra-se a grande dificuldade de analisar essa indústria sem um maior conhecimento do sistema global de alimentação, que envolve também os setores agropecuário e de distribuição.

Contudo, Farina chama atenção para a grande diversidade de características presentes no gênero de produtos alimentares,

(7) FARINA, E.M.M.O. O Sistema Agroindustrial de Alimentos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA. 16., Belo Horizonte, 1988. Anais... ANPEC, 1988.v.3, p. 292-315.

coconstituindo-se em um "verdadeiro laboratório de OI" e evidenciando a grande importância da Teoria da Organização Industrial no estudo desse gênero. Em outras palavras, o gênero alimentar é mais eficientemente analisado através de uma combinação de teorias que envolvem o setor agropecuário, mais especificamente a formação dos complexos agroindustriais, e a Organização Industrial.

A teoria da OI é bastante relevante em nossa análise, visto que tem como objetivo primordial investigar, através de estudos empíricos, o meio onde as firmas operam, evidenciando os seus comportamentos nos diversos tipos de mercado e buscando as causas para a heterogeneidade desses comportamentos.

Nesse sentido, citaremos determinados conceitos necessários à melhor compreensão do gênero alimentar.

De acordo com Guimarães⁽⁸⁾, firma é um "locus" de acumulação de capital que tem como características básicas a existência de uma gerência central (cuja principal atribuição deve-se ao controle da política de investimentos) e que aufera lucros, podendo ter uma estrutura unitária ou multidivisional.

(8) GUIMARÃES, Eduardo A. Acumulação e Crescimento da Firma: Um Estudo de Organização Industrial. Cap.1 e 2.

aaA diversificação é a característica central de uma firma multidivisional, a qual é composta por um conjunto de quase-firmas, onde cada uma delas produz um produto destinado a um mercado específico. Desse modo, as quase-firmas constituem-se na forma pela qual uma firma participa de diversos mercados, eliminando os limites impostos ao seu crescimento pelo ritmo de expansão da demanda.

A indústria consiste em um conjunto de firmas (de estrutura unitária) e quase-firmas (de firmas com estrutura multidivisional) que produzem bens ou serviços substitutos próximos entre si.

Mercado, por sua vez, consiste na demanda por bens e serviços substitutos próximos entre si. Ou seja, as firmas e quase-firmas que compõem uma indústria produzem mercadorias com o intuito de suprir as necessidades de mercados específicos.

Já as estruturas de mercado apresentam características organizacionais distintas, as quais determinam as inter-relações entre mercado e indústria e influenciam estrategicamente a natureza da competição e dos preços praticados pelas diversas firmas e quase-firmas no âmbito do mercado.

Dado a importância de conhecermos as estruturas de mercado, apresentamos, de forma breve, a tipologia proposta por Labini e Steindl e ampliada por Maria da Conceição Tavares, a seguir: Oligopólio homogêneo, puro ou concentrado, oligopólio

diferenciado, oligopólio diferenciado-concentrado ou misto, oligopólio competitivo e indústrias competitivas no sentido não oligopolistas.

1 - OLIGOPÓLIO HOMOGÊNEO, PURO OU CONCENTRADO: Caracteriza-se por acentuada concentração técnica, onde poucas firmas controlam grande parcela do mercado. Essa concentração decorre da presença de elevadas economias de escala e/ou descontinuidades técnicas, as quais criam fortes barreiras à entrada. Nesse tipo de mercado não ocorre competição nem por preço nem por diferenciação de produto, dada a natureza homogênea dos produtos. Normalmente, os oligopólios concentrados encontram-se na produção de insumos básicos e bens de capital.

2 - OLIGOPÓLIO DIFERENCIADO: Possibilita às suas firmas disputarem mercado via diferenciação de produto. A competição por preço, embora não utilizada com frequência, não é definitivamente descartada. As barreiras à entrada decorrem de economias de escopo (economias de escala de diferenciação) e são mais frágeis do que as observadas no oligopólio concentrado. Esse tipo de oligopólio está presente em indústrias de bens de consumo não duráveis, altamente diferenciáveis.

3 - OLIGOPÓLIO DIFERENCIADO-CONCENTRADO OU MISTO: Caracteriza-se pela combinação de elementos dos dois tipos de oligopólio já citados; A competição também se faz por diferenciação de produtos, porém o nível de concentração é, em geral, bem mais elevado que no oligopólio diferenciado. As barreiras à entrada decorrem de economias de escala e, principalmente, de economias de diferenciação. No oligopólio misto encontram-se as indústrias de bens de consumo duráveis, especialmente a automobilística e a eletro-eletrônica.

4 - OLIGOPÓLIO COMPETITIVO: Marcado pela inexistência de economias de escala técnica e de diferenciação importantes, que reduzem o nível de concentração e as barreiras à entrada, dificultando a obtenção de elevadas taxas de lucro. A competição por preço ocorre mais frequentemente, embora não seja um traço comum do oligopólio. O oligopólio competitivo apresenta um grau de dinamismo bastante inferior ao observado nos outros tipos de oligopólios. Está presente em indústrias de bens de consumo não duráveis, com pouco grau de diferenciação (predomínio de alimentos).

5 - INDÚSTRIAS COMPETITIVAS: Divergem completamente dos oligopólios vistos acima. Caracterizam-se por um grande número de empresas, onde as de pequeno porte respondem por uma parcela considerável da produção. Com isso, verifica-se

uma desconcentração industrial ligada à ausência de barreiras à entrada e à constantes guerras de preço como padrão competitivo predominante. Os produtores marginais⁽⁹⁾ apresentam lucros próximos de zero, o que aumenta a facilidade de expulsão de firmas e de reequilíbrio do mercado entre potencial de crescimento da oferta e taxa de expansão da demanda. Percebe-se também a possibilidade de diferenciação do produto, desde que este tenha vocação para diferenciar.

O gênero produtos alimentares apresenta uma grande heterogeneidade na sua composição, o que torna impossível configurá-lo dentro de uma estrutura de mercado particular. Cada setor alimentar apresenta características próprias e processos de ajustamento específicos. Em outras palavras, faz-se necessário uma análise particularizada das diversas indústrias presentes no gênero alimentar, uma vez que a análise geral desse gênero não permite a constatação das peculiaridades inerentes a cada uma delas.

No entanto, podemos afirmar que, de modo geral, os setores do gênero produtos alimentares encontram-se, mais frequentemente, no oligopólio diferenciado, oligopólio competitivo e indústrias competitivas, sendo os dois últimos ainda mais comuns.

(9) produtores marginais são aqueles que apresentam os custos mais elevados da indústria.

aaA partir da exaustiva classificação feita por Tavares⁽¹⁰⁾ e de algumas observações complementares propostas por Farina⁽¹¹⁾, analisaremos aqui as particularidades de algumas indústrias do gênero alimentar, evidenciando seu enquadramento nas estruturas de mercado vistas anteriormente.

Dentre os setores desse gênero, apenas o de laticínios constitui-se um oligopólio diferenciado. Já setores como abate de animais, moagem de trigo, fabricação e refinação de açúcar e rações para animais, constituem-se oligopólios competitivos, dado o fraco nível de concentração e a quase total ausência de diferenciação presentes nesses setores.

Os setores de beneficiamento de café, cereais e produtos afins e fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria representam mercados competitivos. Na verdade, esses setores apresentam um grande número de firmas, responsáveis por parcelas bastante similares da produção (desconcentração industrial).

Analisando mais pormenorizadamente, verificamos que a indústria de sucos cítricos (laranja, em especial) pode ser classificada como um oligopólio concentrado, voltado basicamente

(10) TAVARES, M.C. Introdução geral a estrutura industrial e empresas líderes. RP.Brasília: FINEP, 1978

(11) FARINA, E.M.N.Q. op.cit. p.292-315

para o mercado externo. A indústria de suco de laranja encontra-se dominada por poucas empresas, visto a ocorrência de muitas fusões, o que aumenta o nível de concentração. Ademais, a tecnologia utilizada nessa indústria é bastante avançada, constituindo-se em uma indústria de ponta.

Já o setor de açúcar e álcool, que representa um dos mais importantes do gênero alimentar, caracteriza-se por uma baixa concentração industrial, uma vez que as suas maiores empresas não respondem por grande parte da produção do setor. Além disso, a tendência do setor é ter um tamanho cada vez maior, haja visto a presença de ganhos de escala na produção.

A indústria de café solúvel é uma das mais novas no país (menos de vinte anos) e voltada basicamente para o mercado externo. O seu número de empresas é bastante reduzido, demonstrando uma forte concentração industrial. De fato, segundo estudos da FIBGE, apenas duas empresas respondiam por quase 40% da produção nacional, em 1980.

A indústria de milho, por sua vez, caracterizava-se, até o funcionamento das fábricas produtoras de óleo, por possuir uma única empresa de grande porte (Refinações de Milho Brasil) e as demais de pequeno e médio porte. Contudo, a medida que se expande a produção de óleo a estrutura do subsetor vem se modificando. É bastante provável que as pequenas empresas deixem o mercado, visto que as grandes processadoras encontram-se em melhores condições de competir no mercado.

O setor de laticínio, muito relevante no gênero alimentar, constitui-se num oligopólio diferenciado, devido as características competitivas presentes para a grande diversidade de produtos, tais como: Leite em pó, condensado, doces de leite, queijos e iogurtes. A indústria de resfriamento, pausterização e esterelização de leite classifica-se, entretanto, em oligopólio competitivo.

A indústria de massas e biscoitos é uma das que mais cresceram na década de 70; verificou-se uma grande quantidade de estabelecimentos nesse setor, porém, a produção concentra-se em um grupo limitado de grandes empresas.

O setor de conserva de frutas e legumes (em especial a indústria de derivados de tomate) é bastante oligopolizado. De fato, apenas um reduzido número de grandes empresas atuam em âmbito nacional. Essas grandes empresas controlam significativas parcelas da produção, apresentando forte integração com o setor agrícola e elevado padrão de diversificação de suas atividades.

A indústria de processamento de carne é bastante heterogênea, abrangendo desde pequenas empresas até as grandes e modernas. Constitui-se em um oligopólio competitivo, e mesmo possuindo um acentuado número de grandes empresas, apresenta um nível de concentração não muito elevado.

Através dessa breve análise de algumas indústrias do gênero alimentar, percebe-se claramente a grande heterogeneidade presente nesse gênero industrial, o qual, como visto, varia entre as estruturas extremas de mercado.

CAPÍTULO III

ASPECTOS GERAIS DA CLASSIFICAÇÃO INDUSTRIAL

Como já visto anteriormente, a grande variedade de características observadas no gênero alimentar, torna impossível classificá-lo em uma única estrutura de mercado, uma vez que as diversas indústrias desse gênero apresentam particularidades específicas.

Essa grande fragmentação e diversificação típica do gênero alimentar dificulta ainda o estudo de todas as suas indústrias, sobretudo devido a ausência de informações desagregadas sobre as mesmas.

Na tentativa de eliminar esses entraves, optou-se pelo uso de dados censitários. Apesar de encontrarem-se em um maior nível de agregação, não permitindo a análise detalhada do gênero alimentar, os dados do Censo Industrial são mais viáveis e possibilitam a análise da sua composição setorial e de outras características relevantes, através do uso de indicadores, como tamanho, produtividade e salário médios, entre outros.

Com isso, torna-se necessário uma breve explicação sobre a Classificação de Atividades Industriais-CAI⁽¹²⁾, que nos

(12) FIBGE, Classificação de atividades industriais. versão 1985.

pepermitirá visualizar melhor como se classifica o gênero em questão.

A CAI apresenta uma estrutura composta por cinco níveis de agregação, divididos hierarquicamente:

- CLASSE (1 dígito)
- GÊNERO (2 dígitos)
- GRANDE GRUPO (3 dígitos)
- GRUPO (4 dígitos)
- SUBGRUPO (6 dígitos)

Apenas a título de exemplo, mostraremos como o subgrupo 26.51.10 se encontra dentro da classificação do gênero produtos alimentares:

1.CLASSE: Indústria de Transformação

26.GÊNERO: Indústria de Produtos Alimentares

26.50.GRANDE GRUPO: Fabricação e Refinação de Açúcar

26.51.GRUPO: Fabricação de açúcar de cana

26.51.10.SUBGRUPO: Fabricação de açúcar de usina-inclusive mel rico e melaço

Segundo a FIBGE⁽¹³⁾, o gênero de produtos alimentares é composto por dez grandes grupos (3 dígitos) e 41 grupos (4 dígitos). Os dez grandes grupos do gênero alimentar são:

1. Beneficiamento, moagem, torrefação e fabricação de produtos alimentares;
2. Preparação de refeições e alimentos conservados, produção de refeições preparadas industrialmente, produção de conservas de frutas, legumes e outros vegetais, preparação de especiarias e condimentos e fabricação de doces-exclusive de confeitaria;
3. Abate de animais em matadouros, frigoríficos e charqueadas, preparação de conservas de carne e produção de banha de porco e de outras gorduras comestíveis de origem animal;
4. Preparação do pescado e fabricação de conservas do pescado-inclusive a efetuada em barcos-fábricas;
5. Resfriamento e preparação do leite e fabricação de produtos de laticínios;
6. Fabricação e refinação de açúcar;
7. Fabricação de balas, caramelos, pastilhas, dropes, bombons e chocolates, etc.-inclusive gomas de mascar;
8. Fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria;
9. Fabricação de massas alimentícias e biscoitos;
10. Preparação e fabricação de produtos alimentares diversos-inclusive rações balanceadas e alimentos preparados para animais.

(13) FIBGE, op.cit.

umUm problemas que pode prejudicar a análise consiste na dificuldade de manusear as informações dos Censos Industriais, visto o grande número de modificações introduzidas na classificação das atividades industriais, ao longo do período 70 - 85.

A partir do Censo Industrial de 1970, o Gênero Produtos Alimentares passou a considerar as atividades de produção de manteiga de cacau e de fabricação de farinhas de peixe e de ossos, carne e sangue, anteriormente classificadas no Gênero 20 - Indústria Química.

Em 1980, foi excluído do Gênero Produtos Alimentares a atividade de serviços de resfriamento do leite, antes classificada no Grande Grupo Resfriamento e Preparação do Leite e Fabricação de Produtos de Laticínio, e que passou a ser considerada no Gênero 31 - Unidades Auxiliares de Apoio e de Serviços de Natureza Industrial.

Ainda em 1980, transferiu-se para o Grupo Preparação do Leite a atividade de fabricação de caseína, anteriormente classificada no Gênero 20 - Indústria Química.

A principal modificação inserida no Censo de 1985, consiste em considerar apenas as atividades realizadas nos estabelecimentos produtivos (ligadas diretamente a produção de um

bem ou serviço) como aquelas a serem desagregadas na classificação industrial.

Ressalta-se ainda, a inclusão da atividade de beneficiamento de óleos vegetais em bruto no Gênero alimentar, antes considerada no Gênero 20 - Indústria Química.

O ideal para a compreensão do gênero alimentar seria analisarmos detalhadamente cada uma de suas indústrias, ou seja, cada conjunto de firmas que produzem mercadorias substitutas próximas entre si para vários mercados.

A impossibilidade já ressaltada, de obtermos dados desagregados para um gênero tão heterogêneo, confere aos dados do Censo Industrial grande importância, no que se refere ao conhecimento das características do gênero de produtos alimentares.

CAPÍTULO IV

ESTRUTURA E DESEMPENHO DO GÊNERO PRODUTOS ALIMENTARES DO CEARÁ NO PERÍODO DE 1970-1985

4.1 - INTRODUÇÃO

O objetivo central desse capítulo consiste em analisar a composição setorial e as mudanças estruturais ocorridas no gênero de produtos alimentares do Ceará no período compreendido entre 1970 e 1985, bem como observar seu desempenho frente a outros estados.

Convém recordar, que os estados da Bahia e Pernambuco foram selecionados por serem, juntamente com o Ceará, os três estados economicamente mais significativos do Nordeste, participando fortemente do VTI dessa Região. O outro estado selecionado foi São Paulo, por ser o maior pólo industrial do Brasil.

Em primeiro lugar, mostraremos os setores mais importantes do gênero alimentar dos estados mencionados, enfocando suas respectivas participações no gênero, bem como suas semelhanças e diferenças, utilizando para isso, sobretudo, a variável Valor da Transformação Industrial (VTI). Identificaremos também, as respectivas participações dos setores e gênero alimentício dos estados analisados com relação aos setores e gênero de alimentos nacionais.

Em segundo lugar, evidenciaremos o desempenho do gênero alimentar cearense e dos demais estados abordados, chamando atenção para as mudanças estruturais ocorridas nesse gênero, ao longo do período enfocado.

Para efeito de análise do desempenho, alguns indicadores foram selecionados:

- TAMANHO MÉDIO: VTI/Nº ESTABELECIMENTOS
- PRODUTIVIDADE MÉDIA: VTI/PESSOAL OCUPADO
- SALÁRIO MÉDIO: FOLHA SALARIAL/PESSOAL OCUPADO

O indicador de tamanho médio está fortemente associado a escala de produção; já o de produtividade média, constitui um indicador tecnológico.

Além disso, há uma forte ligação entre produtividade, salário e tamanho médios, visto que as unidades produtivas que pagam maiores salários e possuem escalas de produção elevadas são, em geral, as mais produtivas e competitivas.

A partir de uma avaliação conjunta desses indicadores, poderemos identificar melhor o comportamento do gênero produtos alimentares dos estados interessados.

4.2 - COMPOSIÇÃO SETORIAL

Ao analisarmos a composição setorial do gênero alimentar do Ceará, de acordo com a TABELA 1, notamos de antemão que esse gênero representa parte significativa da indústria de transformação cearense, respondendo, em todo o período abordado, por cerca de 30% do VTI dessa indústria. De fato, a nossa indústria encontra-se fortemente concentrada em poucos setores tradicionais, como alimentos.

Entretanto, dado o reduzido grau de desenvolvimento industrial do Estado, verificamos que a indústria de alimentos e, especialmente, a indústria de transformação do Ceará são responsáveis por parcelas pouco expressivas das respectivas produções nacionais.

Esse comportamento da indústria do Ceará difere bastante da indústria do Nordeste e, principalmente, da indústria brasileira, que além de mais diversificadas, caminham para o maior desenvolvimento de setores dinâmicos.

Dentre os setores da indústria alimentar cearense, podemos constatar que a maior participação pertence ao setor de Beneficiamento, o qual respondia em 1985, por aproximadamente 50% do VTI da indústria em questão. A nível nacional, esse setor também se destacou, uma vez que apresentou, durante o período

observado, participações superiores as da indústria de alimentos como todo.

Não obstante a significativa participação em 1970 e 1975, os setores de Pescado e Padaria, Confeitaria e Pastelaria vêm perdendo posição ao longo do tempo, chegando a representar em 1985 apenas 7,20% e 4,27% do VTI da indústria de alimentos, respectivamente.

É importante destacar, que mesmo sendo um estado bastante voltado para a pesca, o Ceará tem apresentado também uma relativa queda em sua participação no VTI gerado pelo setor de Pescado nacional.

Tal fato explica-se, em grande parte, pela crescente importância atribuída à pesca industrializada, a qual se realiza em outras localidades litorâneas.

Quanto ao setor de padarias, observamos que, apesar da sua perda de posição na indústria de alimentos do Ceará, o setor apresentou uma participação crescente na produção nacional. Isso nos revela que o setor de padaria da indústria de alimentos do Brasil vem perdendo seu dinamismo de forma mais intensa que o mesmo setor cearense, fazendo com que esse ganhe posição na produção brasileira.

TABELA 01

COMPOSICAO SETORIAL DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES DO CEARA

	CEARA (%)				CEARA/BRASIL x 100			
	1970*	1975*	1980*	1985*	1970*	1975*	1980*	1985*
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	0,72	0,75	0,91	0,91
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	30,17	22,43	22,60	29,32	1,61	1,49	2,04	2,46
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	45,69	35,30	35,60	47,16	3,18	2,17	3,55	6,18
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFETARIAS	1,41	4,40	8,13	10,33	0,51	1,25	1,60	2,30
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	0,45	1,90	1,20	0,28	0,05	0,17	0,15	0,05
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	9,60	15,50	10,48	7,20	8,76	13,82	10,41	8,06
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	4,13	2,28	3,01	1,19	0,66	0,37	0,77	0,36
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	4,98	2,88	5,27	5,86	0,50	0,32	0,75	1,23
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPPES, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	-	1,98	1,23	-	-	0,84	0,76	-
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFETARIA E PASTELARIA	11,94	14,96	9,29	4,27	1,84	2,23	2,69	3,92
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	9,17	6,41	13,59	8,87	3,31	1,99	5,08	4,27
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	12,63	14,39	12,20	14,83	1,93	1,89	1,89	1,61

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

* - Valores obtidos a partir do Valor da Transformacao Industrial (VTI) de todas as empresas

O gênero de produtos alimentares de Pernambuco, por sua vez, apresentou no decorrer do período, uma menor participação na indústria de transformação do Estado, uma vez que a indústria de Pernambuco encontra-se com uma maior uniformidade na distribuição e com menor relevância de setores tradicionais (TABELA 2). Apesar disso, as indústrias de transformação e de produtos alimentares de Pernambuco apresentaram participações um pouco mais significativas nas respectivas indústrias nacionais, dado o maior desenvolvimento industrial do Estado.

Podemos observar também que, diferentemente do observado no Ceará, o VTI da indústria de alimentos de Pernambuco concentra-se fortemente no setor de Fabricação e Refinação de Açúcar, o qual respondia em 1985, por quase metade do VTI da indústria em questão.

Essa atividade, entretanto, não é apenas relevante a nível de estado. A sua participação na produção, além de significativa e crescente, supera todas as demais participações dos setores pernambucanos na indústria de alimentos brasileira. Em outras palavras, dentre os setores da indústria de produtos alimentares de Pernambuco, Fabricação e Refinação de Açúcar constitui a atividade que se destaca com maior parcela do VTI gerado pela indústria de alimentos do Brasil.

Na verdade, a agroindústria açucareira em todo o Nordeste possui grande importância, visto que o açúcar além de ser um produto de primeira necessidade e de exportação, faz parte do complexo açúcar e álcool e é matéria-prima para produção de muitos outros produtos alimentares que, igualmente, atendem a necessidades primárias.

De qualquer forma, mesmo relevante em todos os estados Nordestinos, a atividade agroindustrial açucareira destaca-se basicamente em Pernambuco, tendo inclusive, tradição histórica.

É interessante notar o fraco desempenho do setor de Pescado pernambucano, o qual durante todo o período analisado, não atingiu sequer 1% do VTI da indústria de alimentos pernambucana.

Outros setores que lograram um certo destaque foram: Beneficiamento, Moagem, Torrefação e Fabricação de Produtos Alimentares e Fabricação de Produtos de Padaria, Confeitaria e Pastelaria, tendo esse último entretanto, apresentado uma acentuada queda na sua participação, em 1985.

BSIFAC

TABELA 02
COMPOSICAO SETORIAL DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES DE PERNAMBUCO

	PERNAMBUCO (%)				PERNAMBUCO/BRASIL x 100			
	1970*	1975*	1980*	1985*	1970*	1975*	1980*	1985*
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	2,15	2,24	1,97	1,76
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	26,64	25,56	22,57	23,78	4,25	5,06	4,44	3,83
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	14,72	10,46	13,49	13,97	2,70	2,18	2,93	2,86
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFETARIAS	3,70	5,28	8,99	10,67	3,53	5,10	3,84	3,71
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	3,37	3,87	3,95	3,15	0,94	1,18	1,10	0,79
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	0,87	-	0,35	0,53	2,09	-	0,76	1,04
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	1,28	1,38	1,13	1,83	0,54	0,76	0,63	0,87
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	45,62	49,33	38,51	48,52	12,13	18,63	11,97	15,93
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPPES, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	0,68	0,68	0,79	0,69	0,78	0,98	1,06	0,97
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFETARIA E PASTELARIA	15,29	10,83	11,26	5,20	6,20	5,47	7,10	7,46
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	6,29	5,97	9,20	5,63	5,97	6,29	7,49	4,23
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	8,19	12,20	12,34	9,81	3,29	5,45	4,16	1,66

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

* - Valores obtidos a partir do Valor da Transformacao Industrial (VTI) de todas as empresas

Quanto ao gênero de produtos alimentares da Bahia, a TABELA 3 nos permite verificar que a sua posição é significativamente menos expressiva do que a dos estados citados anteriormente. Isso se explica pelo fato de estar a indústria baiana fortemente orientada para setores dinâmicos, precipuamente a indústria Química, a qual concentrava em 1985, cerca de 55% do VTI da indústria de transformação do Estado.

Da mesma forma que em Pernambuco, as indústrias de transformação e de alimentos da Bahia apresentaram participações na produção nacional superiores as observadas no Ceará.

Os setores de Beneficiamento, Padaria e Produtos Alimentares Diversos apresentaram participações relevantes na indústria de alimentos da Bahia. Porém, com exceção do setor de Produtos Alimentares Diversos, essas participações decresceram ao longo dos quinze anos enfocados. No entanto, o setor de padaria baiano não apresentou tão acentuada queda a nível nacional, verificando-se até mesmo um crescimento de 1975 a 1980, que se justifica, como já visto, pela maior perda de importância do setor de padaria brasileiro.

Vale destacar que o setor de Pescado baiano, igualmente ao de Pernambuco, apresentou uma irrisória e decrescente participação na indústria de alimentos da Bahia, bem como no setor de Pescado nacional, o que ratifica a maior relevância dada

a pesca industrial, mais desenvolvida em outros estados litorâneos.

Ainda analisando a TABELA 3, podemos observar que praticamente nenhum setor da indústria de alimentos da Bahia responde por parte significativa do VTI nacional, o que difere de Pernambuco e Ceará, onde os setores de Açúcar e Pescado apresentam certo destaque, respectivamente. Isso porque desses três estados, a Bahia é o que oferece menor relevância ao gênero alimentar.

É interessante observar também, que alguns setores comportaram-se de forma bastante similar nos estados do Nordeste, como é o caso do setor de Laticínios, que apresentou participações irrelevantes nas indústrias de alimentos dos estados mencionados. Isso porque a exploração do leite na Região, ainda representa uma atividade economicamente secundária e acessória do sistema criatório de gado de corte. Não obstante os esforços do Governo, os pecuaristas nordestinos de modo geral, ainda não se sentem estimulados a explorar a pecuária de leite em termos empresariais.

TABELA 03
COMPOSICAO SETORIAL DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES DA BAHIA

	BAHIA (%)				BAHIA/BRASIL x 100			
	1970*	1975*	1980*	1985*	1970*	1975*	1980*	1985*
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	1,53	2,12	3,54	3,58
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	19,83	12,14	8,45	11,13	2,26	2,27	2,98	3,65
- BENEFICIAMENTO,MOAGEM,TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	25,71	20,69	12,96	11,74	2,50	1,94	1,89	2,28
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM.CONSERVADOS,PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE,PCAO CONSERV. DE FRUTAS,LEGUMES E OUT.VEGETAIS,PREP.ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	0,49	1,65	1,58	6,82	0,25	0,71	0,45	2,26
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS,FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS,PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	8,66	7,99	5,10	0,73	1,28	1,09	0,95	0,17
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	0,23	0,20	0,04	0,02	0,29	0,27	0,05	0,04
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	3,54	5,74	9,01	5,38	0,79	1,42	3,39	2,43
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	8,84	3,89	2,10	3,28	1,25	0,66	0,44	1,02
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPEIS, BOMBONS E CHOC.,ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	0,82	2,48	0,30	0,17	0,50	1,61	0,27	0,22
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA,CONFEITARIA E PASTELARIA	24,71	21,52	13,99	3,97	5,32	4,88	5,92	5,41
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	2,98	4,77	4,52	2,70	1,50	2,25	2,47	1,93
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	24,02	31,08	50,41	65,19	5,12	6,23	11,40	10,49

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

* - Valores obtidos a partir do Valor da Transformacao Industrial (VTI) de todas as empresas

Apenas uma avaliação superficial da TABELA 4, nos permite constatar as significativas disparidades existentes entre a indústria de São Paulo e a indústria dos três estados já analisados.

A importância da indústria de produtos alimentares paulista na indústria de transformação é bastante reduzida e decrescente, não atingindo nem 8% do VTI dessa última, em 1985.

Por outro lado, a indústria de produtos alimentares paulista e a própria indústria de transformação do Estado, participam expressivamente no total da produção obtida pelas respectivas indústrias brasileiras.

A razão para isso encontra-se no fato de ser São Paulo o estado que possui o maior nível de desenvolvimento industrial do país, sendo suas indústrias de modo geral, responsáveis por grandes escalas de produção. Esse elevado nível industrial de São Paulo leva a uma maior diversificação de sua indústria, a favor de setores dinâmicos (especialmente a indústria Química, Mecânica e Metalúrgica), o que por sua vez, reduz significativamente a relevância de setores tradicionais, como alimentos.

Convém salientar, que a participação do gênero alimentar paulista na indústria de transformação chega a ser

inferior a do mesmo gênero do Ceará, Pernambuco e Bahia, o que ratifica a supremacia de setores dinâmicos nesse estado.

Como pode ser visto na TABELA 4, percebe-se na indústria de alimentos em questão, um menor nível de concentração, merecendo algum destaque em 1985, setores como o de Refeições Conservadas, Açúcar e Produtos Alimentares Diversos, que atingiram participações de aproximadamente 19%, 15% e 22%, respectivamente. Dentre essas participações na indústria de produtos alimentares paulista, apenas a do setor de Açúcar decresceu, o qual não obstante, manteve uma certa posição de destaque na respectiva indústria.

Os setores de refeições conservadas e massas alimentícias constituem-se os mais dinâmicos de São Paulo, tendo em vista os contínuos crescimentos de suas participações na indústria de alimentos do estado, durante todo o período estudado. Contudo, esses setores perderam posição a nível nacional: O primeiro setor apresentou essa queda no período de 1970 a 1975, evidenciando o maior crescimento do setor brasileiro nesse quinquênio, frente ao setor paulista. O setor de massas alimentícias verificou essa perda de posição no período de 1970 a 1980, retomando o crescimento apenas em 1985. Da mesma forma, o setor nacional de massas alimentícias vem se desenvolvendo de forma mais intensa que o respectivo setor paulista.

Já o setor de pescado caracteriza-se como o setor de menor relevância na indústria de produtos alimentares de São Paulo, não alcançando sequer 1% da produção da indústria em questão. Em relação ao pescado brasileiro, a posição do pescado paulista também não é relevante, visto o reduzido significado da pesca em regiões não litorâneas, como veremos posteriormente.

TABELA 04
COMPOSICAO SETORIAL DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES DE SAO PAULO

	SAO PAULO (%)				SAO PAULO/BRASIL x 100			
	1970*	1975*	1980*	1985*	1970*	1975*	1980*	1985*
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	58,11	55,89	53,43	53,74
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	10,19	7,74	7,42	7,66	43,95	38,30	39,46	37,71
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	17,89	19,11	13,07	10,92	33,91	30,20	25,23	21,96
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFETARIAS	6,84	7,34	16,52	18,84	67,45	53,66	62,74	64,46
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	13,59	13,29	12,41	11,30	39,21	30,59	30,67	27,85
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	0,48	0,64	0,27	0,50	11,87	14,75	5,16	9,71
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	10,12	8,14	5,52	6,51	43,94	34,03	27,51	30,35
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	18,07	15,42	18,27	14,56	49,68	44,09	50,50	47,01
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPEIS, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	6,44	6,84	6,06	4,95	77,12	74,79	72,34	68,00
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFETARIA E PASTELARIA	8,48	8,83	5,78	2,57	35,57	33,79	32,42	36,21
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	5,98	6,78	7,32	7,78	58,67	54,00	53,00	57,47
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	12,09	13,61	14,79	22,06	50,20	46,02	44,32	36,70

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

* - Valores obtidos a partir do Valor da Transformacao Industrial (VTI) de todas as empresas

Portanto, através do exposto acima, podemos perceber que, dentre os estados analisados, o Ceará é o que apresenta o menor parque industrial, o qual se direciona basicamente para setores tradicionais, apresentando então, uma indústria de alimentos com participações bem mais expressivas na indústria de transformação.

Já Pernambuco e Bahia encontram-se mais desenvolvidos industrialmente e, conseqüentemente, com maior expressão de indústria dinâmicas.

Por fim, podemos concluir que, mesmo havendo algumas similaridades entre as indústrias de alimentos dos estados selecionados, a indústria de produtos alimentares de São Paulo é bem mais diversificada do que as demais e a sua estrutura setorial é a que mais se assemelha a do Brasil.

4.3 - DESEMPENHO INDUSTRIAL

Iniciaremos essa seção fazendo uma rápida alusão a determinadas características do gênero alimentar, objetivando recordar algumas informações necessárias à continuidade de nossa análise. Em seguida, analisaremos a indústria de alimentos com base em alguns indicadores já selecionados.

A indústria de alimentos, de modo geral, caracteriza-se pela presença de muitos estabelecimentos de pequeno porte, os quais são responsáveis por reduzidas parcelas do VTI gerado por essa indústria.

Entretanto, alguns setores em especial apresentam essa característica de forma mais acentuada, como é o caso do setor de Padaria, Confeitaria e Pastelaria. Esse setor é formado por um grande número de pequenos estabelecimentos, tornando seu tamanho médio bastante reduzido frente a outros setores alimentares.

Já o setor de Fabricação e Refinação de Açúcar apresenta tamanho médio bastante elevado, visto que as tecnologias rentáveis existentes para essa atividade são praticamente de grande porte.

Outros setores, como os de Massas Alimentícias e Produtos Alimentares Diversos também apresentam tamanhos elevados, pois contêm em suas composições estabelecimentos de grande porte, os quais respondem por alto VTI.

4.3.1 - TAMANHO MÉDIO

Através da TABELA 5, podemos observar que o tamanho médio da indústria de produtos alimentares do Ceará correspondia a aproximadamente 90% do tamanho da indústria de transformação, em 1985, o que se deve, basicamente, ao fato dos setores tradicionais constituírem-se nas melhores oportunidades de investimento nesse Estado, possibilitando uma relativa proximidade entre o tamanho médio da indústria de produtos alimentares e a indústria de transformação.

A nível mais desagregado, observamos que apesar do setor de pescado ter apresentado, em 1970, um tamanho quase quinze vezes maior do que o da indústria de produtos alimentares cearense, esse setor sofreu um acentuado arrefecimento em seu tamanho, no decorrer do período (TABELA 5).

Não é menos significativa a perda de posição do pescado cearense frente ao nacional; de 1970 a 1985, o tamanho médio desse setor passou de 261,8% para 88,2% do tamanho médio do respectivo setor brasileiro. A ausência de melhores tecnologias e a permanência da pesca artesanal no Ceará constituem-se nos maiores motivos dessa perda de importância.

Setores como Beneficiamento de Grãos e Fabricação e Refinação de Açúcar apresentaram auspiciosos crescimentos ao longo do período, alcançando em 1985, tamanhos bastante superiores a média da indústria.

O setor de Beneficiamento de Grãos caracteriza-se por um elevado número de pequenos estabelecimentos. Porém, é o reponsável pelo maior VTI, pessoal ocupado e salário da indústria de produtos alimentares do Ceará. Tal fato é possível porque os estabelecimentos de grande porte possuem grandes escalas de produção, elevando bastante o tamanho médio do setor.

Frente ao setor de beneficiamento de grãos do Brasil, o setor cearense também se destacou bastante, apresentando um tamanho médio quase quatro vezes maior que o nacional, em 1985.

O setor de Fabricação e Refinação de Açúcar, por sua vez, é formado por estabelecimentos de maior porte; mas ao confrontarmos com o setor açucareiro nacional, percebemos que o setor cearense permaneceu com tamanho médio bastante inferior ao observado para o Brasil, uma vez que a indústria açucareira apresenta maior tamanho no Brasil do que no Ceará.

O setor de Padaria, como já visto, possui tamanho bastante inferior a média da indústria de alimentos (no Ceará, esse setor apresentou um tamanho equivalente a apenas 8,83% do tamanho médio da indústria de produtos alimentares, em 1985). Contudo, esse setor cearense possui comportamento semelhante ao nacional, que compõe-se predominantemente de pequenos estabelecimentos.

TABELA 05

TAMANHO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES CEARENSE (1970-1985) (%)

	TAMANHO CEARA (%)				TAMANHO CEARA/TAMANHO BRASIL (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	29,83	34,73	33,66	48,95
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	88,18	77,82	80,23	89,61	56,80	62,72	63,31	84,75
- BENEFICIAMENTO,MOAGEM,TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	183,17	182,22	201,31	303,27	175,48	167,34	216,47	339,20
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM.CONSERVADOS,PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE,PCAO CONSERV. DE FRUTAS,LEGUMES E OUT.VEGETAIS,PREP.ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	67,25	88,43	230,76	227,84	24,02	50,19	48,42	92,55
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS,FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS,PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	34,85	66,09	18,37	43,63	6,74	17,78	4,62	18,82
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO-INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	1.596,58	934,66	228,06	222,36	261,83	138,18	35,95	88,16
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	785,54	521,92	683,63	110,28	138,66	107,98	145,72	98,79
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	45,39	659,23	492,57	542,17	3,52	40,73	23,37	73,16
- FABRICACAO BALAS,CARAMELOS,PASTILHAS,DROPES,BOMBONS E CHOC.,ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	-	2.271,90	1.954,80	-	-	232,84	184,99	-
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA,CONFEITARIA E PASTELARIA	22,57	25,03	17,14	8,83	49,46	63,96	68,57	103,18
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	581,54	367,28	198,07	164,31	106,48	79,03	64,53	111,37
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS-INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	247,24	166,62	242,39	73,83	60,24	45,10	40,71	24,21

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

Ao tratarmos do estado de Pernambuco, podemos observar pela TABELA 6 que o tamanho médio da indústria de produtos alimentares do Estado, em relação ao da indústria de transformação é bastante inferior ao do Ceará, devido a menor relevância dos setores tradicionais naquele Estado, em relação a indústria de transformação.

Dentre os setores da indústria de alimentos de Pernambuco, o que apresentou maior tamanho foi o setor açucareiro, que além de já caracterizar-se por um elevado tamanho, constitui uma atividade de grande relevância para o Estado. Mesmo assim, seu tamanho vem caindo em relação a média da indústria de produtos alimentares, bem como a do setor brasileiro.

Apesar de algumas oscilações, os setores de Beneficiamento de Grãos, Refeições Conservadas e Pescado apresentaram um acentuado crescimento em seus tamanhos médios. Ao buscarmos as razões que ocasionaram isso, percebemos ao longo do período, uma redução no número de estabelecimentos desses setores, não acompanhada por semelhante redução em seus VTI's. É provável, portanto, que alguns pequenos estabelecimentos tenham sido expulsos do setor ou que tenha ocorrido fusões com estabelecimentos maiores, não acarretando reduções significativas na produção.

O setor de abate de animais, não obstante a grande queda em 1975 e 1980, revelou um grande salto em seu tamanho, o qual equivalia em 1970 a 89,5% do tamanho médio da indústria de alimentos pernambucana e passou para 370,6% desse tamanho, em 1985.

SSEAC

TABELA 06

TAMANHO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES PERNAMBUCANA (1970-1985) (%)

	TAMANHO PERNAMBUCO (%)				TAMANHO PERNAMBUCO/TAM BRASIL (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	59,36	62,42	57,03	66,29
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	75,92	83,41	73,16	58,11	97,33	120,81	97,82	74,42
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	115,79	85,15	126,95	212,85	190,08	150,62	210,93	209,04
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFETARIAS	79,65	76,13	132,44	165,66	48,74	83,23	42,94	59,08
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	89,58	76,67	49,98	370,64	29,69	39,74	19,41	140,34
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	253,48	-	261,51	437,26	71,23	-	63,69	152,23
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	36,44	51,59	100,89	93,90	11,02	20,56	33,23	73,86
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	1.243,77	2.032,47	1.486,46	665,57	165,09	241,86	108,96	78,86
- FABRICACAO BALAS, CARAMELOS, PASTILHAS, DROPEIS, BOMBONS E CHOC., ETC-INCL. GOMAS DE MASCAR	345,76	124,15	220,27	142,80	55,79	24,51	32,21	42,88
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFETARIA E PASTELARIA	23,65	17,48	18,11	7,99	88,80	86,02	111,98	81,98
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	559,20	207,93	164,72	100,66	175,45	86,18	82,93	59,91
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	152,22	232,83	452,83	175,51	63,55	121,17	117,50	50,54

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

No que se refere ao estado da Bahia, sua indústria de produtos alimentares apresentou tamanho médio bastante inferior ao da indústria de transformação, correspondendo a apenas 31,45% desse tamanho, em 1985. A razão para isso já é bastante conhecida: A grande relevância de setores dinâmicos.

Entretanto, verificamos que o tamanho da indústria de alimentos baiana vem se aproximando cada vez mais da média nacional, dado o crescente ritmo de industrialização do estado.

Com o auxílio da TABELA 7, podemos constatar a pequena e decrescente importância do setor de Pescado para o estado, que em 1985 apresentava um tamanho médio correspondente a apenas 6,67% do tamanho da indústria de alimentos baiana. Essa irrelevância torna-se ainda mais significativa ao confrontarmos o tamanho do setor de Pescado da Bahia com o tamanho desse setor brasileiro. De fato, em 1985, o tamanho desse setor não equivalia a sequer 3% do tamanho nacional. Isso porque dos três maiores estados do Nordeste, a Bahia caracteriza-se pela menor relevância atribuída a pesca.

Os setores que se destacaram com maior tamanho em relação a indústria alimentar baiana foram os de Refeições Conservadas, Produtos Alimentares Diversos e Açúcar, correspondendo em 1985 a, respectivamente, 243,01%, 865,38% e 443,70% do tamanho da indústria em questão. Os dois primeiros também superaram o tamanho médio dos respectivos setores

nacionais, em 1985. Já o setor açucareiro, como mencionado anteriormente, caracteriza-se de modo geral, como de elevado tamanho, não se destacando portanto, a nível nacional.

É interessante notar que, apesar de apresentar uma indústria de alimentos bem menos expressiva na indústria de transformação, os tamanhos médios dos setores alimentares da Bahia são, na grande maioria, superiores aos tamanhos dos setores pernambucanos e esses, por sua vez, superiores aos dos setores cearenses. Isso se explica pelo maior desenvolvimento dos estados da Bahia e Pernambuco.

TABELA 07

TAMANHO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES BAIANA (1970-1985) (%)

	TAMANHO BAHIA (%)				TAMANHO BAHIA/TAMANHO BRASIL (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	31,15	46,94	59,13	141,66
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	69,87	43,96	36,18	31,45	47,00	47,88	50,16	86,07
- BENEFICIAMENTO,MOAGEM,TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	188,85	198,81	125,80	93,51	149,70	139,38	107,18	106,21
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM.CONSERVADOS,PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE,PCAO CONSERV. DE FRUTAS,LEGUMES E OUT.VEGETAIS,PREP.ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	50,27	83,76	177,97	243,01	14,85	36,29	29,59	100,25
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS,FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS,PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	252,92	138,49	59,87	17,67	40,48	28,45	11,92	7,74
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO-INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	25,60	151,05	21,84	6,67	3,47	17,05	2,73	2,69
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	80,33	154,37	303,58	86,72	11,73	24,38	51,27	78,89
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	1.419,90	1.481,50	1.537,25	443,70	91,01	69,87	57,78	60,80
- FABRICACAO BALAS,CARAMELOS,PASTILHAS,DROPES,BOMBONS E CHOC.,ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	141,97	810,24	218,76	56,91	11,06	63,39	16,40	19,76
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA,CONFEITARIA E PASTELARIA	35,36	30,10	19,91	6,65	64,13	58,71	63,13	78,94
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	393,86	351,93	141,01	46,93	59,67	57,81	36,40	32,30
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS-INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	495,30	676,90	1.477,89	865,38	99,85	139,88	196,64	288,19

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

Com relação a São Paulo, uma rápida análise de seus indicadores revela a grande importância desse Estado como maior pólo industrial do país.

Através da TABELA 8, percebemos que o tamanho médio da indústria de alimentos paulista, apesar de crescente, é ainda reduzido frente ao tamanho da indústria de transformação do Estado, dado a coexistência, nessa indústria, de gêneros dinâmicos bem maiores e mais avançados. No entanto, frente a indústria de alimentos brasileira, verificamos que a indústria de produtos alimentares de São Paulo caracteriza-se por um tamanho médio muito elevado, superando bastante o tamanho das indústrias nordestinas e até mesmo o da própria indústria de alimentos nacional.

Da mesma forma, os setores da indústria de alimentos paulista apresentavam ao longo do período, tamanhos superiores a média da indústria de produtos alimentares brasileira, com exceção do Pescado. Aliás, dentre os setores dessa indústria, o Pescado constitui o setor de menor relevância, apresentando no período enfocado, o menor VTI, número de estabelecimentos, pessoal ocupado e salário da indústria em questão.

Tal fato decorre do reduzido hábito do consumo de pescado no Brasil, especialmente em regiões não costeiras como São Paulo. Associado a isso, as melhores condições de oferta de

produtos de pecuária e avicultura formaram no país o hábito do consumo dessas carnes em detrimento do consumo de pescado.

Apenas os setores de Beneficiamento de Grãos e Padaria apresentaram tamanhos inferiores a média da indústria; o primeiro, apesar de responsável por um elevado VTI, é formado por uma grande quantidade de pequenos estabelecimentos. Já o setor de Padaria, como visto anteriormente, apresenta tamanho bastante reduzido, visto que em sua composição encontra-se, basicamente, estabelecimentos de pequeno porte.

O setor açucareiro apresentou em 1985, um tamanho seis vezes maior que a média da indústria de produtos alimentares paulista. Apesar de ainda bastante representativo, esse indicador sofreu um grande decréscimo, visto que em 1980, superava em vinte vezes o tamanho médio da indústria em questão.

É interessante observar que mesmo que alguns setores alimentares apresentem indicadores menores que os da indústria de alimentos de São Paulo, quando confrontados com os setores alimentares nacionais, essa possível inferioridade desaparece, visto que na grande maioria das vezes, a indústria de alimentos de São Paulo destaca-se com os maiores indicadores.

BSFEAC

TABELA 08

TAMANHO MÉDIO DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES PAULISTA (1970-1985) (%)

	TAMANHO SAO PAULO (%)				TAMANHO SAO PAULO/TAM BRASIL (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	-	-	-	-	187,82	172,39	181,96	130,66
INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	45,69	41,82	43,33	63,29	185,35	167,28	184,83	159,75
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	52,82	62,64	50,76	49,26	165,14	152,44	159,36	103,85
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFEITARIAS	185,68	206,72	378,49	257,45	216,37	312,93	231,87	197,11
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	199,91	181,06	207,62	171,90	126,20	129,93	152,39	139,72
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	106,01	209,02	94,12	111,54	56,73	82,41	43,31	83,35
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	447,68	356,59	375,57	105,40	257,86	196,75	233,72	177,96
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	1.729,84	1.754,36	2.026,62	609,98	437,27	289,08	280,70	155,13
- FABRICACAO BALAS, CARAMELOS, PASTILHAS, DROPEIS, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	638,67	599,35	565,32	207,50	196,24	163,82	156,20	133,73
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA	19,62	19,14	10,87	6,77	140,28	130,43	126,99	149,02
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	245,83	271,03	248,75	152,76	146,89	155,54	236,61	195,15
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	233,04	264,06	361,74	233,02	185,28	190,64	177,37	144,02

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

4.3.2 - PRODUTIVIDADE MÉDIA

Com relação a produtividade média, a TABELA 9 permite verificar que a indústria de produtos alimentares do Ceará apresentou uma produtividade bastante próxima a da indústria de transformação. No entanto, frente a indústria de alimentos do Brasil, essa produtividade foi pouco expressiva. No ano de 1985, apenas o setor açucareiro apresentou uma produtividade superior a do mesmo setor brasileiro.

Convém recordar a estreita ligação entre produtividade e nível tecnológico, visto que uma produtividade crescente decorre essencialmente da utilização de novas e modernas tecnologias. Deve-se ter sempre em mente então, que produtividade média representa um indicador tecnológico.

Com isso, podemos observar uma grande dependência tecnológica ainda presente no Ceará, o qual absorve técnicas elaboradas em outras localidades, onde na maioria das vezes já estão obsoletas⁽¹⁴⁾.

A disparidade entre as produtividades médias da indústria de alimentos do Ceará e do Brasil aumentou na maioria dos setores, no período de 1970 a 1985, nos levando a acreditar

(14) Ver ROSA, A.L. Crescimento e mudança tecnológica: O caso da indústria cearense durante o período 1970-80. TD nº 101. Ceará: CAEN, 1991.

quique essa defasagem tecnológica vem se mantendo ao longo do tempo, em grande parte da indústria de alimentos cearense.

Além disso, observou-se também uma acentuada oscilação nas produtividades dos setores de alimentos, a qual decorre basicamente das constantes crises presentes na economia como todo.

A despeito de sua significativa relevância na indústria de alimentos do Ceará, o setor de Beneficiamento de Grãos não apresentou uma produtividade de grande destaque no período enfocado, o que pode ser explicado pela grande combinação de capital e trabalho presente nesse setor. Em outras palavras, mesmo possuindo maquinaria moderna e especializada, as indústrias de beneficiamento contam com elevado número de operários em suas instalações.

No tocante ao setor de Pescado, verificamos que sua produtividade média era bastante elevada em 1970 e 1975, anos em que o setor se estruturava e contava com fortes incentivos fiscais. Porém, a partir de 1980, esse setor apresentou sensíveis quedas em sua produtividade, visto que a tecnologia utilizada não tem se renovado, aumentando consideravelmente os custos de produção. Essa acentuada perda de produtividade verifica-se também a nível nacional.

O setor açucareiro apresentou um expressivo crescimento na sua produtividade média, em 1985. É provável que a expansão da atividade canavieira seja a grande responsável por tal crescimento, uma vez que essa atividade requer um maior nível tecnológico.

TABELA 06

PRODUTIVIDADE MÉDIA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES CEARENSE (1970-1985) (%)

	PRODUTIVIDADE MEDIA CEARA (%)				PRODUT.MEDIA CE/PRODUT.MEDIA BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	-	-	-	-	49,78	44,83	46,79	48,52
INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	93,15	71,21	77,91	90,03	48,65	37,01	45,91	48,39
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	90,68	67,96	90,19	85,58	39,99	20,00	36,46	33,45
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM.CONSERVADOS, PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT.VEGETAIS, PREP.ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	53,81	144,32	173,81	153,63	28,99	72,67	72,75	77,57
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	79,74	108,92	44,69	19,05	35,10	35,07	19,60	12,11
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	326,78	321,51	132,77	116,68	225,96	178,96	80,46	90,71
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	194,91	224,88	415,79	196,55	57,96	49,16	115,65	86,43
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	92,68	126,52	51,69	249,06	47,85	39,24	14,67	120,29
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPS, BOMBONS E CHOC., ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	-	89,35	63,38	-	-	30,67	23,07	-
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA	58,75	73,26	51,96	47,22	51,45	67,51	28,29	89,73
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	135,34	93,78	135,74	105,88	75,42	40,08	72,97	67,10
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	141,94	253,48	269,58	146,47	47,33	51,65	61,02	33,57

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

Quanto a produtividade, a indústria de alimentos pernambucana aproxima-se mais da indústria de alimentos nacional, apresentando produtividades mais elevadas que a indústria do Ceará (TABELA 10).

Dentre os setores da indústria de produtos alimentares pernambucana, o de Refeições Conservadas foi o único que apresentou crescimento contínuo em sua produtividade, ao longo de todo o período observado. Esse crescimento constante não se verificou a nível nacional, chegando até a cair, em 1980. Com isso, concluímos que o setor de refeições conservadas do Brasil caracteriza-se por um crescimento tecnológico mais intenso que o mesmo setor pernambucano.

Em 1985, os setores de Beneficiamento de Grãos, Abate de Animais, Produtos Alimentares Diversos e Açúcar, apresentaram produtividades superiores a média da indústria em questão.

Convém recordar a maior relevância desse último setor na economia pernambucana, apresentando portanto, tamanho, produtividade e salário médios superiores ao da indústria de alimentos de Pernambuco.

Vale observar também que, como no Ceará, as produtividades médias dos setores alimentares pernambucanos apresentaram acentuadas oscilações.

TABELA 10

PRODUTIVIDADE MÉDIA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES PERNAMBUCANA (1970-1985) (%)

	PRODUTIVIDADE MEDIA PERNAMBUCO (%)				PRODUT.MEDIA PE/PRODUT.MEDIA BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	-	-	-	-	63,92	74,97	73,13	75,38
INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	82,25	93,30	89,13	93,34	55,16	81,09	82,07	77,94
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFAÇÃO FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTARES	171,01	104,69	96,18	133,71	85,51	67,49	69,52	84,19
- PREPARAÇÃO REFEIÇÕES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFETARIAS	57,38	71,67	91,07	92,18	35,05	79,08	68,15	74,97
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORÍFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTÍVEIS DE ORIGEM ANIMAL	180,97	110,36	81,45	102,64	90,31	77,87	63,68	105,08
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FÁBRICAS	175,39	-	70,98	88,32	137,50	-	76,93	110,60
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICÍNIOS	75,63	96,52	127,54	89,39	25,50	46,24	63,42	63,31
- FABRICAÇÃO E REFINAÇÃO DE AÇÚCAR	87,60	118,46	142,73	113,39	51,28	80,50	72,41	88,22
- FABRICAÇÃO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPS, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	174,89	61,17	94,52	60,47	87,18	46,01	61,52	54,31
- FABRICAÇÃO PRODUTOS DE PADARIA, CONFETARIA E PASTELARIA	79,55	42,22	38,89	35,75	78,98	85,25	115,46	109,41
- FAB. DE MASSAS ALIMENTÍCIAS E BISCOITOS	176,47	138,76	120,66	81,09	111,49	129,96	115,96	82,78
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RAÇÕES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	144,99	244,02	255,10	143,60	54,81	108,97	91,09	53,01

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

Através da TABELA 11, podemos constatar que a indústria de produtos alimentares da Bahia apresenta uma produtividade média reduzida frente a da indústria de transformação, o que evidencia, novamente, a maior importância no Estado de setores dinâmicos da indústria de transformação. De fato, a Bahia está fortemente relacionada à indústria Química, tornando-se um grande fornecedor de insumos para o Centro-Sul. Com isso, a tendência é que esses setores absorvam os processos mais modernos de produção.

Porém, ao confrontarmos com a indústria de alimentos brasileira, constatamos que a indústria de alimentos baiana caracteriza-se por elevada produtividade média, chegando a superar a produtividade do mesmo setor nacional, em 1985. Além disso, a produtividade média da indústria alimentar da Bahia supera as das indústrias do Ceará e de Pernambuco, o que ratifica o maior desenvolvimento industrial do estado e, conseqüentemente, maior nível tecnológico.

Apesar da reduzida expressão da indústria de alimentos da Bahia na indústria de transformação, alguns setores se destacaram quanto a produtividade média: Refeições Conservadas apresentou crescimento contínuo em relação a indústria de alimentos, ao longo do período; essa continuidade de crescimento não se verifica a nível nacional, haja visto o crescente nível tecnológico do respectivo setor brasileiro. Já o setor de abate de animais apresentou uma redução contínua em sua produtividade

média, em relação tanto a da indústria de alimentos da Bahia como a do mesmo setor nacional, apresentando então, um crescimento tecnológico menos intenso que o observado na indústria baiana e no setor de abate brasileiro. Beneficiamento de Grãos e Produtos Alimentares Diversos, por sua vez, apresentaram em 1985, produtividades superiores a média da indústria de alimentos do Estado.

TABELA 14

PRODUTIVIDADE MÉDIA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES BAIANA (1970-1985) (%)

	PRODUTIVIDADE MEDIA BAHIA (%)				PRODUT.MEDIA BA/PRODUT.MEDIA BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	-	-	-	-	70,58	91,49	135,97	175,88
INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	99,22	62,55	46,66	65,35	73,46	66,34	79,88	127,32
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	181,65	176,76	99,91	121,24	120,97	93,23	70,28	124,70
- PREPARACAO REFEICAOES E ALIM.CONSERVADOS, PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT.VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	30,92	51,59	52,38	83,92	25,16	46,57	38,15	111,49
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	162,20	129,72	70,75	18,74	107,81	74,88	53,98	31,33
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	25,30	53,01	20,10	6,45	26,42	52,89	21,20	13,19
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	67,79	109,39	243,57	60,48	30,44	42,87	117,88	69,98
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	68,91	32,60	35,75	22,62	53,72	18,13	17,65	28,75
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPS, BOMBONS E CHOC., ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	58,70	159,62	121,47	44,18	38,97	98,23	76,94	64,81
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA	56,28	44,36	29,70	18,05	74,42	73,28	85,84	90,22
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	77,97	104,98	69,05	24,07	65,61	80,43	64,58	40,13
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	221,75	457,50	383,05	310,57	111,64	167,13	150,91	187,27

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

A indústria de produtos alimentares de São Paulo caracteriza-se também por um elevado nível tecnológico, que pode ser verificado na TABELA 12. De fato, essa indústria apresenta uma produtividade média bastante superior a média da indústria de alimentos do Brasil.

A nível mais desagregado, os setores da indústria de produtos alimentares paulista também apresentam produtividades muito superiores as dos setores brasileiros, haja visto esse maior desenvolvimento tecnológico de São Paulo, frente a outros estados brasileiros (TABELA 12).

O setor de produtos alimentares diversos foi o único a apresentar uma produtividade média crescente em relação a da indústria de alimentos como todo. Entretanto, frente ao mesmo setor brasileiro, observou-se exatamente o contrário: A sua produtividade média decresceu em relação a do setor nacional, durante todo o período abordado. Constata-se então, que apesar de o setor de produtos alimentares diversos estar se desenvolvendo tecnologicamente mais rápido que a indústria de alimentos paulista, ainda não alcançou o ritmo de crescimento tecnológico do mesmo setor brasileiro, o qual se desenvolve de forma bem mais intensa.*

TABELA 10

PRODUTIVIDADE MÉDIA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES PAULISTA (1970-1985) (%)

	PRODUTIVIDADE MEDIA SAO PAULO (%)				PRODUT.MEDIA SP/PRODUT.MEDIA BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	-	-	-	-	118,77	117,52	115,34	112,75
INDÚSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	112,48	98,67	94,54	104,13	140,15	134,44	137,30	130,06
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	121,01	138,93	109,08	117,06	153,73	148,49	131,89	122,99
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM.CONSERVADOS, PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT.VEGETAIS, PREP.ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	92,99	78,98	139,44	132,49	144,32	144,47	174,57	179,81
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	79,05	79,01	75,54	53,30	100,23	92,42	99,07	91,05
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	48,62	73,61	26,86	47,94	96,84	148,85	48,71	100,18
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	156,16	170,06	164,85	106,11	133,77	135,05	137,14	125,42
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	122,61	208,88	303,13	141,94	182,35	235,32	257,28	184,26
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPS, BOMBONS E CHOC., ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	87,87	91,82	99,37	68,61	111,29	114,50	108,19	102,81
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA	55,72	37,86	21,52	27,13	140,57	126,76	106,87	138,57
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	77,06	77,72	88,03	83,47	123,71	120,67	141,53	142,18
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	148,61	179,14	182,52	187,15	142,74	132,61	123,56	115,28

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

4.3.3 - SALÁRIO MÉDIO

A respeito do salário médio da indústria de alimentos cearense (TABELA 13), podemos constatar também grandes oscilações em seus valores, em virtude das já citadas crises econômicas.

Durante o período estudado, o salário médio da indústria de produtos alimentares do Ceará apresentou algumas oscilações em relação ao da indústria de transformação, mantendo-se, apesar disso, próximo desse. Em termos nacionais, podemos constatar que o salário médio da indústria de alimentos cearense também caiu e encontra-se bem abaixo do salário médio da indústria alimentar brasileira.

Novamente verificou-se que apenas o setor açucareiro apresentou salário médio superior ao do Brasil, em 1985. Esse setor destacou-se também com o maior salário médio da indústria de produtos alimentares do Estado, o qual correspondia a 291,2% desse último. Tal fato decorre da necessidade de uma maior especialização por parte dos trabalhadores, que ao lidarem com processos de produção mais modernos, recebem maiores salários. O período 1980-1985 foi marcado por uma forte expansão da atividade canavieira, o que explica o salto observado na produtividade desse setor, no período citado.

O setor de Beneficiamento de Grãos apresentou no decorrer do período, uma redução do salário médio, o que se deve basicamente a queda verificada no salário mínimo brasileiro, uma vez que esse setor caracteriza-se pelo emprego de grande número de trabalhadores não qualificados, que, em geral, recebem salário mínimo como remuneração. De fato, segundo dados do DIEESE, o salário mínimo apresentou de 1970 a 1985 um decréscimo de (22,76%), ratificando a queda verificada no setor de beneficiamento de grãos do Ceará.

É interessante elucidar que essa defasagem dos salários pagos no Ceará deve ser relacionada também as especificidades do mercado de trabalho cearense, o qual caracteriza-se com um nível de desemprego proporcionalmente superior ao do país⁽¹⁵⁾.

Finalmente, vale observar que, apesar de muitos setores se destacarem bastante dentro da indústria de alimentos do Estado, ao confrontarmos com os respectivos setores brasileiros, verificamos que somente um setor (açúcar) apresentou produtividade e salário superiores à média nacional, o que torna claro o inexpressivo desenvolvimento industrial do Ceará, frente a outros estados mais industrializados.

(15) MEIRELES, V.I. Avaliação da competitividade da indústria têxtil cearense. RP. Ceará: CAEN, 1993

TABELA 107

SALARIO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES CEARENSE (1970-1985) (%)

	SALARIO MEDIO CEARA (%)				SALARIO MEDIO CE/SAL. MEDIO BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	43,79	41,95	41,43	50,24
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	86,04	78,77	81,59	71,50	57,10	51,51	58,91	55,06
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	104,60	88,79	109,84	82,28	70,24	48,14	69,53	48,35
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFETARIAS	83,79	115,08	102,84	132,81	48,44	64,67	62,70	76,34
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	75,80	231,60	93,99	104,18	36,69	119,01	49,87	60,39
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	194,83	180,45	144,91	167,62	118,67	96,37	70,56	85,50
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	263,64	305,70	149,44	130,59	121,07	126,60	63,03	63,09
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	106,51	154,15	77,98	291,20	54,88	67,50	34,79	140,42
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPS, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	-	87,51	72,72	-	-	34,55	29,83	-
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFETARIA E PASTELARIA	56,17	77,82	64,66	99,73	48,54	53,17	64,30	88,23
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	82,90	89,26	99,75	106,39	42,61	41,41	57,01	60,55
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	119,18	124,89	129,98	81,52	50,30	44,18	49,11	34,02

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

Os salários médios dos setores da indústria de alimentos de Pernambuco frente aos dos setores alimentares nacionais são, na grande maioria, superiores aos da indústria do Ceará, como se pode ver na TABELA 14.

Constatou-se também que, além do setor açucareiro, merecem destaque os setores de Beneficiamento de Grãos, Balas e Produtos Alimentares Diversos por superarem o salário médio pago pela indústria de alimentos do Estado, em 1985.

No entanto, ao confrontarmos com os respectivos setores brasileiros, verificamos que Beneficiamento de Grãos representa o único setor com salário médio superior ao nacional.

Desse modo, podemos perceber que, apesar de possuir maiores produtividades e salários médios do que a indústria de alimentos cearense, a indústria alimentar de Pernambuco também não se destaca de forma significativa frente a indústria de alimentos do Brasil.

TABELA 14

SALARIO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES PERNAMBUCANA (1970-1985) (%)

	SALARIO MEDIO PERNAMBUCO (%)				SALARIO MEDIO PE/SAL. MEDIO BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	63,24	59,30	60,04	64,30
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	83,29	82,63	74,13	85,35	79,83	76,39	77,57	84,12
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	86,38	76,58	81,53	115,68	81,09	61,58	67,96	103,85
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFEITARIAS	71,55	94,57	86,86	84,99	57,83	78,81	69,74	74,63
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	79,81	56,85	103,30	79,49	54,01	43,32	72,18	70,39
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	164,37	-	132,37	59,00	139,97	-	84,88	45,98
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	106,21	97,65	135,63	72,94	68,19	59,97	75,33	53,83
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	113,35	115,75	118,53	110,66	81,65	75,16	69,63	81,52
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPPES, BOMBONS E CHOC., ETC- INCL. GOMAS DE MASCAR	370,00	151,28	170,73	126,41	236,69	88,56	92,22	97,91
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA	64,75	74,72	68,30	71,60	78,22	75,71	89,44	96,77
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	114,75	125,20	104,87	85,37	82,47	86,14	78,93	74,22
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	121,46	151,21	218,09	126,57	71,67	79,33	108,51	80,70

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

O salário médio da indústria de produtos alimentares da Bahia frente ao da indústria de transformação é bastante inferior ao das indústrias dos dois estados vistos anteriormente. Tal fato é consequência também da irrelevância relativa dessa indústria para o estado.

Contudo, da mesma forma que a produtividade média, o salário médio da indústria de alimentos da Bahia tem se aproximado bastante da média da indústria alimentar brasileira, correspondendo a cerca de 82% desse último, em 1985.

Analisando a TABELA 15, algumas observações podem ser feitas: O setor de Balas apresentou um salário crescente e acima da média da respectiva indústria, dado que o referido setor não apresenta um grande número de trabalhadores, tendo até se reduzido a partir de 1980; ou seja, o setor de Balas emprega menos mão-de-obra, porém a melhores condições. De fato, esse setor é o responsável pelo maior salário médio da indústria de alimentos da Bahia.

Com organização similar ao setor de Balas, mereceram destaque os setores de Laticínio, Refeições Conservadas e Produtos Alimentares diversos, todos com salários superiores ao da indústria alimentar baiana, em 1985. O setor de beneficiamento de grãos apresentou um salário decrescente frente ao da indústria de alimentos baiana. Tal fato se deve, como já visto, a queda verificada no salário mínimo brasileiro no período 1970-1985.

TABELA 15

SALARIO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES BAIANA (1970-1985) (%)

	SALARIO MEDIO BAHIA (%)				SALARIO MEDIO BA/SAL. MEDIO BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	77,22	73,24	100,87	118,37
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	54,56	54,85	39,95	44,78	63,85	62,63	70,22	81,24
- BENEFICIAMENTO, MOAGEM, TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	139,90	134,45	121,60	82,01	101,30	88,64	91,76	71,10
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM. CONSERVADOS, PCAO REF. PREPARADAS INDUSTRIALMENTE, PCAO CONSERV. DE FRUTAS, LEGUMES E OUT. VEGETAIS, PREP. ESPEC. E CONDIM. FABR. DE DOCES-EXCL. CONFEITARIAS	81,29	90,14	128,33	117,48	52,55	61,59	93,28	99,63
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS, FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS, PREP. CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD. COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	103,26	85,94	90,39	77,17	55,90	53,70	57,17	66,00
- PREP. DO PESCADO E FABR. CONSERVAS DO PESCADO- INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	19,74	130,86	91,00	24,94	13,45	84,97	52,83	18,77
- RESFRIAMENTO E PREP. DO LEITE E FAB. PRODUTOS DE LATICINIOS	152,01	153,35	155,54	140,92	78,06	77,22	78,21	100,44
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	91,64	149,33	104,64	50,95	52,80	79,51	55,65	36,25
- FABRICACAO BALAS, CAMELOS, PASTILHAS, DROPPES, BOMBONS E CHOC., ETC-INCL. GOMAS DE MASCAR	123,29	150,98	224,97	349,70	63,08	72,47	110,01	261,60
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA	66,51	70,33	58,74	66,85	64,27	58,43	69,63	87,25
- FAB. DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	133,32	96,45	117,88	85,38	76,63	54,41	80,31	71,69
- PREP. E FAB. DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS- INCL. RACOES BALANCEADAS E ALIM. PREPARADOS PARA ANIMAIS	168,07	131,15	196,44	161,41	79,32	56,41	88,48	99,39

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

A indústria de alimentos de São Paulo destaca-se também com salários maiores que a indústria de produtos alimentares brasileira, tendo como exceção apenas o setor de Pescado, o qual a partir de 1975 passou a apresentar salário médio inferior ao mesmo setor nacional (TABELA 16).

Os setores de Laticínio, Açúcar e Produtos Alimentares Diversos caracterizam-se com salários acima da média da indústria, em todo o período analisado.

Ademais, com o auxílio das tabelas, observamos que, diferentemente dos outros estados analisados, não há grande concentração setorial na indústria de produtos alimentares paulista.

BSFEAC

TABELA 16

SALARIO MÉDIO DA INDUSTRIA DE PRISALARIO MEDIO

	SALARIO MEDIO SAO PAULO (%)				SALARIO MEDIO SP/SAL. MEDIO BR (%)			
	1970	1975	1980	1985	1970	1975	1980	1985
INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO	-	-	-	-	122,06	124,66	131,74	116,22
INDUSTRIA DE PRODUTOS ALIMENTARES	72,53	69,07	65,09	75,50	134,15	134,16	149,43	134,49
- BENEFICIAMENTO,MOAGEM,TORREFACAO FABRICACAO DE PRODUTOS ALIMENTARES	87,35	103,81	93,08	100,38	137,81	146,60	148,46	144,07
- PREPARACAO REFEICOES E ALIM.CONSERVADOS,PCAO REF.PREPARADAS INDUSTRIALMENTE,PCAO CONSERV. DE FRUTAS,LEGUMES E OUT.VEGETAIS,PREP.ESPEC. E CONDIM.FABR.DE DOCES-EXCL.CONFEITARIAS	95,49	96,75	90,11	98,67	129,70	141,61	139,38	138,52
- ABATE ANIMAIS EM MATADOUROS,FRIGORIFICOS E CHARQUEADAS,PREP.CONSERVAS DE CARNE E PCAO BANHA DE PORCO E OUTROS PROD.COMESTIVEIS DE ORIGEM ANIMAL	109,43	87,42	89,02	85,38	124,47	117,01	119,83	120,88
- PREP.DO PESCADO E FABR.CONSERVAS DO PESCADO-INCLUSIVE A EFETUADA EM BARCOS-FABRICAS	78,77	68,58	77,70	78,56	112,73	95,39	95,98	97,88
- RESFRIAMENTO E PREP.DO LEITE E FAB.PRODUTOS DE LATICINIOS	111,74	111,94	121,10	119,41	120,56	120,74	129,57	140,90
- FABRICACAO E REFINACAO DE ACUCAR	119,00	143,83	164,20	149,97	144,06	164,02	185,83	176,63
- FABRICACAO BALAS,CARAMELOS,PASTILHAS,DROPES, BOMBONS E CHOC.,ETC-INCL.GOMAS DE MASCAR	97,79	106,37	100,66	87,01	105,14	109,37	104,74	107,75
- FABRICACAO PRODUTOS DE PADARIA,CONFEITARIA E PASTELARIA	66,92	78,23	49,59	56,16	135,87	139,20	125,11	121,37
- FAB.DE MASSAS ALIMENTICIAS E BISCOITOS	99,07	99,77	89,67	99,67	119,65	120,56	130,01	138,54
- PREP.E FAB.DE PRODUTOS ALIMENTARES DIVERSOS-INCL.RACOES BALANCEADAS E ALIM.PREPARADOS PARA ANIMAIS	130,70	139,28	133,32	119,40	129,61	128,33	127,80	121,71

FONTE: FIBGE - CENSO INDUSTRIAL DE 1970, 1975, 1980 E 1985

Dessa forma, concluímos que devido ao pouco desenvolvimento industrial do Ceará, setores como alimento são os que recebem maiores investimentos no estado.

Através das tabelas mostradas anteriormente, podemos constatar que, no Ceará, produtos alimentares se destaca, dentre os gêneros da indústria de transformação do Estado, com elevados tamanho, produtividade e *salário médios*; já Pernambuco e Bahia por serem estados com maior desenvolvimento de setores dinâmicos, apresentam participações menos expressivas do gênero alimentar na indústria de transformação.

Todavia, ao confrontarmos com a indústria de alimentos brasileira, verificamos que as indústrias de Pernambuco e Bahia são bem mais representativas.

Na verdade, o Ceará se destaca quando analisamos seus setores alimentares frente a indústria de alimentos como todo e esta, frente a indústria de transformação, visto a relevância de setores tradicionais para o Estado. Entretanto, quando analisamos comparativamente com a indústria de alimentos do Brasil, observamos que o setor alimentar cearense é pouco significativo, haja visto a existência de outros estados que, mesmo voltados para setores dinâmicos, apresentam maior avanço tecnológico e, conseqüentemente, maior desenvolvimento industrial.

Além disso, percebemos com essa análise, a maior expressão econômica de São Paulo e, conseqüentemente, as grandes disparidades existentes entre suas indústrias e as indústrias dos estados nordestinos já analisados.

Apesar do Ceará apresentar uma tendência ao crescimento industrial, buscando novas tecnologias e processos eficazes de produção, ainda permanece bastante atrasado, o que é fortemente evidenciado ao confrontarmos o desempenho de sua indústria com o da indústria paulista.

As indústrias de Pernambuco e Bahia mostraram-se um pouco mais avançadas e eficientes frente a indústria nacional, mas ainda muito distantes do nível industrial de São Paulo.

Mediante o exposto nessa monografia, podemos constatar a grande relevância da indústria de produtos alimentares, a qual além de fornecer produtos de necessidade básica para a população, utiliza matérias-primas agropecuárias e contribui para a regularização da oferta de alimentos. Com isso, é de fundamental importância seu estudo, uma vez que possui características estratégicas e o seu fortalecimento representa a viabilização de objetivos de caráter nacional.

Ao analisarmos esse gênero industrial, verificamos que os maiores entraves ao seu crescimento consistem na acentuada concentração de renda e no desperdício contínuo de alimentos observados no Brasil. Além disso, a necessária conciliação entre industrialização de alimentos e preservação do meio-ambiente constitui o maior desafio enfrentado por esse setor nos últimos tempos.

Para superar tais obstáculos, algumas medidas são fundamentais, como uma reorientação da renda de forma mais igualitária, maior conscientização da população quanto a essencialidade dos alimentos e utilização de tecnologias mais modernas, que proporcionem uma produção industrial de alimentos "inofensiva" ao meio-ambiente.

O êxito em tais metas proporcionará um grande avanço na indústria de produtos alimentares e, conseqüentemente, uma redução da fome e da pobreza, tão fortemente presentes no Brasil.

Observamos também nessa análise, uma grande diversificação no gênero alimentar, o qual apresenta indústrias com características bastante heterogêneas. De fato, esse gênero varia entre as mais diversas estruturas de mercado, apresentando desde grandes oligopólios até indústrias bastante competitivas. Com isso, exige-se que o gênero de produtos alimentares seja desagregado a nível de indústrias (utilizando o conceito de indústria da Teoria da Organização Industrial) para que se possa compreender os comportamentos específicos. Contudo, as dificuldades de desagregação impele o estudo a nível de gênero e grandes grupos utilizado pelo Censo Industrial.

O gênero de produtos alimentares é de fundamental importância para o Ceará, se destacando bastante na indústria de transformação do estado. Aliás, registra-se a presença marcante dos gêneros tradicionais na indústria cearense, em detrimento de setores mais dinâmicos, tendo em vista o menor nível industrial do estado.

Ao confrontarmos o gênero alimentar cearense com os de outros estados (Pernambuco, Bahia e São Paulo), percebemos que, no Ceará, esse gênero não apresentou índices de crescimento consideráveis. De fato, através da análise de alguns indicadores,

como tamanho, produtividade e salário médios, verificamos que a indústria alimentar do Ceará encontra-se formada, basicamente, por pequenas empresas, bastante atrasadas tecnologicamente e com baixos níveis salariais.

Os estados da Bahia e Pernambuco encontram-se mais orientados para setores dinâmicos, verificando-se um maior desenvolvimento industrial, não obstante ainda estejam distantes daquele observado para São Paulo. A indústria de produtos alimentares paulista é a mais diversificada e desenvolvida, sendo sua estrutura setorial a mais próxima do Brasil.

Dessa forma, verificamos, com esse estudo, a grande relevância do gênero alimentar, que além de economicamente significativo, vincula-se a determinadas questões sociais, como redução da fome e do desperdício de alimentos, de fundamental importância para o país. Afinal, o combate a fome, a geração de mais postos de trabalho, o aumento da produtividade agropecuária, a desconcentração da riqueza, enfim, a melhoria das condições de vida da população brasileira não pode prescindir de um setor alimentar moderno e empreendedor.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. Opportunities de investimentos no Nordeste; indústria de produtos alimentares. Fortaleza, 1976.

- 2 - CNI- SESI- SENAI- FIERGS- CIERGS. A Indústria de produtos alimentares. In: ENCONTRO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS. Porto Alegre, 1985. Anais... 27 a 29 de novembro, Porto Alegre, 1985.

- 3 - CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (CDI). Análise dos setores industriais: estrutura, desempenho e problemas. A Indústria de produtos alimentares, 1980/81. Brasília, 1983.

- 4 - FARINA, E.M.M.Q. O Sistema agroindustrial de alimentos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA. 16., BH, 1988. Anais... Belo Horizonte: ANPEC, 1988. v.3, p. 292-315.

- 5 - FUNDAÇÃO IBGE - Censo Industrial anos 1970, 1975, 1980 e 1985.

- 6 - GUIMARÃES, E.A. Acumulação e crescimento da firma: um estudo de organização industrial. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982. 196 p.

- 7 - TAVARES, Maria da Conceição. Estrutura industrial brasileira: base produtiva e tipologia de mercado, 1970.
- 8 - TODARO, M. Introdução à economia: uma visão para o terceiro mundo. Rio de Janeiro: Ed. Campus. 1979.
- 9 - NORT, Egon. Por que faltam os alimentos ? causas e soluções viáveis. 2ª ed., Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- 10- POSSAS, M.L. Estruturas de mercado em oligopólio. São Paulo: HUCITEC, 1985. (Economia e planejamento-obras didáticas).
- 11- ROSA, A.L.T. Crescimento e mudança tecnológica: O Caso da indústria cearense durante o período 1970-80. TD nº 101. Ceará: CAEN, 1991.
- 12- SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SICCT). Perfil técnico-econômico da agroindústria no estado de São Paulo. análise da agroindústria de alimentos. SP, 1982.
- 13- SINGER, Paul. Repartição da renda: pobres e ricos sob o regime militar. Rio de Janeiro: Ed.Zahar.1985.